



Processo de construção da cartilha agroecológica do Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe: resgate e valorização

Process for the construction of the agroecological primer of the Solidarity Network de Sergipe Women Project: rescue and recovery

VIEIRA, Thiago Roberto Soares¹; SANTOS, Fabiana da Silva dos²; SANTOS, Cristiano Moraes Campos³

¹ Associação das Catadoras de Mangaba de Indiaroba (ASCAMAI), tsoaresvieira82@gmail.com; ² ASCAMAI, cristiano.abeeef@gmail.com; ³ ASCAMAI, faby.ana.ss@hotmail.com

Eixo temático: Mulheres, feminismos e agroecologia

Resumo: O caminho para a construção do trabalho no campo da Agroecologia do projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, assentou-se na noção de que o cultivo e manejo de plantas e solo não é uma alternativa excêntrica. Parte do princípio de que toda a vida está conectada. Na contramão dos relatos à respeito de casos de intoxicação pela aplicação de agrotóxicos, as mulheres perceberam que a Agroecologia é uma técnica que responde às suas formas de pensar a vida. Afirmaram que suas práticas seguem esse percurso e passaram a construir um diálogo vital sobre formas de semente, plantio, manejo e colheita de frutas, hortaliças, plantas medicinais, cuidado com pequenos animais, entre outros. De acordo com os relatos, tudo isso foi aprendido com suas ancestrais. Essa Cartilha é um instrumento que reúne algumas dessas práticas, pois expressa os avanços e desafios das mulheres da Rede, em direção a Agroecologia.

Palavras-chave: soberania, mulheres, agroecologia

Contexto

A Rede Solidária de Mulheres de Sergipe (RSM) é um projeto realizado pela Associação das Catadoras de Mangaba de Indiaroba, em parceria com a Universidade Federal de Sergipe, patrocinado pelo Programa Petrobras Socioambiental e apoio do Movimento das Catadoras de Mangaba de Sergipe.

A Rede Solidária de Mulheres de Sergipe atua com 600 mulheres agricultoras, extrativistas, artesãs, costureiras, bordadeiras e pescadoras de dez comunidades em seis municípios sergipanos inseridos na Restinga e Floresta Tropical Úmida, dois ecossistemas do bioma Mata Atlântica.

A Floresta Tropical Úmida abrange quatro comunidades do município de Carmópolis: assentamento Palmeira, assentamento São José, povoado Aguada e a sede do município. É uma região de rica biodiversidade, onde encontramos várias espécies florestais como os ipês amarelos, ingazeiras, mulungu, massaranduba, entre outras.

A Restinga sustenta a vida nos povoados Pontal (Indiaroba), Manoel Dias e Ribuleirinha (Estância), Capuã (Barra dos Coqueiros), Porteiros (Japarutuba) e Baixa Grande (Pirambu). Nela, dunas de areia abrigam um ecossistema onde animais vivem entre perfumadas frutas nativas como: mangaba, murici, cambuí,



araçá, cruíri, cambucá, entre outras, que garantem a sobrevivência da cultura simbólica e material de mais de 600 famílias por meio do extrativismo.

Sendo assim, são as mulheres do campo e da cidade e seus entrelugares, conectando-se e defendendo a sustentabilidade da vida e do bioma que habitam, com os saberes sobre as plantas medicinais, hortaliças, frutíferas, sementes, composto orgânico e controle de pragas que não nos envenenam. Vivendo a mensagem que é possível se fazer essa experiência. Todo esse conhecimento sob princípios agroecológicos das mulheres da Rede foi materializado em uma publicação, a cartilha agroecológica, com o objetivo de disseminar todo esse rico conhecimento das mulheres da Rede. A seguir o relato do processo de construção da cartilha que ocorreu no período entre Agosto de 2018 e Maio de 2019.

Descrição da experiência

O processo de resgate, valorização e materialização do conhecimento das mulheres da Rede com viés agroecológico se deu por meio de oficinas agroecológicas onde foram trabalhados: Rodas de Conversa, Diagnostico Rápido Participativo (DRP), Rede Solidária de Sementes e Mudanças, Práticas Agroecológicas (preparação dos quintais produtivos). Todo o conhecimento dessas mulheres brotado nessas atividades foram materializadas na cartilha agroecológica.

Rodas de conversa

A RSM realizou rodas de conversa e exibição de vídeos onde foram debatidos com as mulheres alguns temas como: soberania alimentar, as consequências do uso de agrotóxicos para a saúde humana e serviços ambientais das florestas. Também foi debatido o modo como elas produzem alimentos (o manejo no plantio: o que elas costumam usar para o controle de pragas e para adubar as plantas).

Diagnostico Rápido Participativo (DRP): Mapeamento participativo

Para conhecer as espécies de plantas medicinais utilizadas pelas mulheres da Rede foi utilizada o DRP, estabelecido por meio de um diálogo e traçando um mapeamento participativo com elas sobre o uso destas espécies. As mulheres mostraram as plantas medicinais que utilizam em seu dia a dia e a forma como as utilizam (partes das plantas - folhas, raízes, cascas – e o modo de preparo) para a cura de enfermidades.

Rede Solidária de Sementes e Mudanças

Durante as oficinas de agroecologia foi construído uma Rede Solidária de sementes e mudas, onde as participantes levavam mudas e sementes que utilizam em suas casas para troca com as suas companheiras. Vale ressaltar que essa troca ocorreu dentro da comunidade e entre as comunidades participantes com o intermédio da Rede. Nesses momentos de troca, as mulheres apresentavam a planta, bem como a parte desta que utilizavam e a doença para a qual era apropriada.



Práticas Agroecológicas (preparação dos quintais produtivos)

Nas oficinas práticas trabalhadas com as mulheres da Rede, foram implantados os quintais produtivos nas casas das mulheres. A implantação do quintal produtivo ocorreu através seguintes etapas: plantio de sementes e mudas de hortaliças, frutíferas e plantas medicinais, preparação de composto orgânico para adubação e de receitas de defensivos alternativos para combate de pragas e doenças.

Resultados

A elaboração da Cartilha de Saberes e Práticas contribuiu com a disseminação do conhecimento e experiências das mulheres que fazem parte da Rede, rompendo as fronteiras comunitárias e propagando o conhecimento local. O percurso trouxe a vivência das comunidades, suas conquistas, alegrias e anseios, mostrando-nos a resistência e força existente nesse grupo de mulheres que lutam diariamente por espaço na sociedade (FIGURA 1).



FIGURA 1. Cartilha Agroecológica do Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe.

O estímulo da troca de sementes e mudas contribuiu para a distribuição espacial das espécies e variedades de plantas cultivadas por elas durante anos em seus quintais, além de disseminar o conhecimento e uso dessas plantas nas mais diversas comunidades, contribuindo com a concretização das “farmácias vivas” nos quintais dessas mulheres, o que representa autonomia, já que algumas delas gastavam dinheiro com remédios de farmácias e drogarias para doenças simples que facilmente podem ser combatidas com plantas medicinais (FIGURAS 2 e 3).



FIGURAS 2 e 3. Oficinas sobre plantas medicinais com as mulheres da Rede em Baixa Grande (Pirambu) e Manoel Dias (Estância).

Foi observado em todas as dez comunidades que os agrotóxicos, quando usados, eram aplicados pelos homens das comunidades. Dessa forma, as mulheres, muitas vezes contrárias a essa atividade dos homens, tornaram-se a resistência quanto à adesão a esses produtos por meio das receitas caseiras de defensivos alternativos que elas mesmas usam, contribuindo com a resistência à adoção ao uso de agrotóxicos que provocam danos ao meio ambiente e principalmente a saúde humana (WAICHMAN, 2008). Nesse sentido, há diversos estudos comprovando o uso de plantas (muitas delas usadas pelas mulheres da Rede) como: inseticida, fungicida, bactericida (CORREA & SALGADO, 2011; FARIAS et al., 2016; VIEIRA & BARTOLLI, 2006).

A interação entre elas em torno da agroecologia, mostra a busca pela soberania alimentar. Durante as oficinas, as mulheres colocavam em pauta sua preocupação quanto ao uso de agrotóxicos e adubos químicos, pois era evidente para muitas delas a relação do uso desses produtos com a incidência de doenças como câncer nas suas comunidades. Como estratégias para resolver este cenário problemático, foram discutidas algumas alternativas como a compostagem e o uso de defensivos alternativos (FIGURAS 4 e 5). Nas oficinas foram tratadas algumas práticas de compostagem, orientada por meio do conhecimento técnico. Hoje elas preparam em seus quintais seu próprio composto orgânico, por meio da compostagem, garantindo assim a nutrição da sua horta.



FIGURAS 4 e 5. Compostagem e defensivos alternativos com as mulheres da Rede.



Durante todas essas experiências e vivências nas oficinas de agroecologia, as mulheres do povoado Aguada (Carmópolis-SE) tiveram uma bela iniciativa no final de Abril de 2019: elas disponibilizaram uma área na comunidade medindo 715 m² para fazer um grande Quintal Produtivo Coletivo onde tudo que for produzido será distribuído entre as mulheres da Rede. Foi implantado um Sistema Agroflorestal (SAF) onde foram plantadas hortaliças, frutíferas, plantas medicinais que as próprias mulheres indicaram. As sementes e mudas foram adquiridas parte trazidas pelas próprias mulheres e parte por meio de compra de um produtor agroflorestal do Assentamento Paulo Freire II em Estância-SE. No preparo da terra, plantio e manejo das plantas estão sendo implementadas todas as receitas e conhecimentos discutidos nas oficinas e reunidas na cartilha: uso de biogel e compostagem (usados como adubo) e defensivos alternativos. As mulheres se organizam e diariamente vão à área para irrigar e observar se não há pragas ou doenças (FIGURAS 6 e 7).

Diante de tantas trocas, conhecimentos e aprendizados, as vivências romperam as nossas rodas e passou a fazer parte das comunidades. As mulheres distribuíram as cartilhas agroecológicas em suas respectivas comunidades. Diante disso, as mulheres da Rede passaram a receber convites para difundir os conhecimentos nas escolas das respectivas comunidades para fazer hortas escolares com princípios agroecológicos junto com os alunos. As protagonistas da Rede dão passo à frente e ganham espaço, mostrando que é possível produzir de forma orgânica e garantir a soberania alimentar de todos.



FIGURAS 6 e 7. Preparação do Quintal Produtivo Coletivo pelas mulheres da Rede no povoado Aguada, Carmópolis-SE.

Agradecimentos

Associação das Catadoras de Mangaba de Indiaroba (ASCAMAI), Universidade Federal de Sergipe e Petrobras

Referências Bibliográficas



CORRÊA, J.C.R.; SALGADO, H.R.N. Atividade inseticida das plantas e aplicações: revisão. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v.13, n.4, p.500-506, 2011.

FARIAS, J.C.; BOMFIM, B.L.S.; FONSECA FILHO, I.C.; SILVA, P.R.R.; BARROS, R.F.M.. Plantas inseticidas e repelentes utilizadas em uma comunidade rural no Nordeste brasileiro. **Revista Espacios**, v. 37, n. 22, 2016. Disponível em <<http://www.revistaespacios.com/a16v37n22/16372206.html>> Acesso em 04/06/2019.

VIEIRA, L.; BORTOLI, S.A.. Efeito do óleo de castanha de caju incorporado na dieta artificial de *Anticarsia gemmatalis* Hübner, 1818 (Lepidoptera: Noctuidae). **Biológico**, São Paulo, v.68, Suplemento, p.844-847, 2006. Disponível em: <http://www.biologico.sp.gov.br/uploads/docs/bio/suplementos/v68_supl/p844-847.pdf> Acesso: em 04/06/2019.

WAICHMAN, A.V. Uma proposta de avaliação integrada de risco do uso de agrotóxicos no estado do Amazonas, Brasil. **Acta Amazonica**, v.38, n.1, p. 45-51, 2008.